

As Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação Inicial de Professores

João Filipe Matos
Centro de Investigação em Educação
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

joao.matos@fc.ul.pt

A forma como é conceptualizado o papel das Tecnologias de Informação e Educação (TIC) na formação inicial de professores arrasta implicações determinantes para a prática da formação nos cursos de Licenciatura em Ensino. Neste quadro há diversas vertentes em que o papel das TIC pode ser equacionado e problematizado.

A fim de fornecer um quadro que permita uma discussão da forma como entendo o papel das TIC na formação inicial, irei olhar para esta questão em duas vertentes distintas: em primeiro lugar adoptando uma postura de dentro, com uma natureza mais interna, tomando o ponto de vista de quem se situa num quadro de formação de professores; uma segunda forma de olhar tomará um ponto de vista do exterior posicionando a questão da no terreno da comunidade em que os futuros professores desenvolverão as suas práticas e da sociedade em geral. Estas duas formas de olhar não pretendem ser complementares e muito menos esgotar as formas de analisar esta problemática. Trata-se apenas de contribuir para enquadrar a problemática do uso das TIC na formação inicial procurando retirar implicações para as práticas de formação.

Imersão na utilização das TIC

Não é actualmente questionável o papel que as TIC têm como instrumentos de trabalho dos estudantes na elaboração dos seus trabalhos escritos, na preparação de elementos de suporte às suas apresentações orais, em tratamento automático de dados, etc. Uma utilização que promova a imersão

dos estudantes num ambiente tecnologicamente rico requer naturalmente a criação de condições de trabalho nas instituições de formação. E se hoje já encontramos muitos bons exemplos neste sentido um pouco por todo o país, ainda existem muitas situações em que o acesso é deficiente e constitui mesmo um factor inibidor de maior desenvolvimento. O princípio a que deverá obedecer neste aspecto a planificação dos cursos de formação é apenas o da garantia de imersão natural dos estudantes nas TIC fazendo do seu uso algo que é inerente à sua prática diária na escola.

Ainda na categoria das utilizações que a escola deve proporcionar aos estudantes situa-se todo o conjunto de ferramentas que permitem o acesso aos múltiplos serviços proporcionados pela internet. Este é ponto em que vale a pena salientar a necessidade de que os estudantes de facto se tornem utilizadores e que integrem essa utilização na sua prática diária. O recurso à busca de bibliografia, de localização de fontes, de troca de informação com outros estudantes e com educadores em geral são alguns dos exemplos de actividades em que os estudantes devem ser estimulados a participar.

O uso das TIC como recurso no ensino de temas específicos na área disciplinar do professor constitui uma outra preocupação na formação inicial. Daí resulta o tipo de trabalho em que os estudantes analisam peças de software criando alguma sensibilidade ao seu sentido crítico a este respeito e induzindo a noção de que existe muitas vezes uma diferença abissal entre as potencialidades anunciadas para o software e o seu uso efectivo por parte dos alunos.

Julgo que estas formas de conceptualizar o papel das TIC na formação inicial dos professores contempla a visão de dentro, na lógica dos programas de formação que apontam a necessidade de os futuros professores desenvolverem competências muito viradas para a sua actuação como “professores de”, isto é, entendendo muito o seu papel em estreita ligação à disciplina que irão leccionar. Trata-se de uma visão limitada que deve ser contemplada com uma forma *mais externa* de pensar a formação dos estudantes no domínio das TIC.

Aprender a dimensão social e política do uso das TIC

Um dos elementos que me parece menos contemplado nas práticas da formação inicial¹ diz respeito aos aspectos sociais e políticos das TIC na

sociedade actual e ao papel do professor na formação dos seus alunos neste domínio. Há duas concepções acerca da forma como este tipo de preocupações pode ser trazido à formação dos estudantes e que passa decisivamente pela ideia do que significa *aprender*.

Quando se fala em formação inicial sugere-se evidentemente um processo continuado, participado pelas pessoas em formação e com objectivos claros. O que é — ou o que pode ser, ou o que deve ser — a formação inicial tem que ver obviamente com a maneira como se olha a aprendizagem em geral (e a aprendizagem dos professores e dos futuros professores em particular). Em primeiro lugar deve sublinhar-se a presença fortíssima da ideia de que aprender é concebido como a *aquisição* de algo (é assim que surgem nos dicionários as definições de aprendizagem tais como ganhar conhecimento, adquirir saber, etc). E quer a linguagem utilizada seja explicitamente a aquisição quer seja a construção de saberes, fica claro que a metáfora conceptual presente é “*a mente humana é um contentor a ser enchido com materiais (saberes) e o aprendiz torna-se dono desses materiais*”. Aprender acerca da dimensão social e política das TIC na sociedade poderia, nesta perspectiva, ser entendido como *adquirir* saberes acerca dos problemas envolvidos nesta problemática — nomeadamente, a não neutralidade das TIC, o seu papel mediador nas relações entre as autoridades do Estado e os cidadãos, os modos como os sistemas liberais capitalistas apropriaram as TIC como instrumento de controlo dos consumidores, etc. Mas, não devendo obviamente presumir-se que apenas existe aprendizagem quando existe ensino explícito, pode retirar-se daquela concepção de aprendizagem uma implicação importante para a formação: a preocupação em fornecer e disponibilizar informação aos estudantes o que arrasta a organização do ensino em moldes em que eles são *expostos* a correntes de opinião e eventualmente aos modos e técnicas como as TIC são utilizadas na sociedade. Sabe-se que a presença desta metáfora da aquisição no ensino é extremamente forte.

Uma perspectiva diferente de olhar a aprendizagem é pensá-la em termos de *participação* em actividades em desenvolvimento num dado grupo. Aprender é concebido aqui como um processo de se tornar membro de uma comunidade, o que implica entre outras coisas a capacidade de comunicar na linguagem dessa comunidade e de actuar de acordo com as

suas normas particulares (implícitas e explícitas). As implicações deste ponto de vista no delineamento da formação aponta imediatamente para o envolvimento dos estudantes em projectos de trabalho. Nesta perspectiva é de prever que os estudantes se vejam menos como *alunos*² e mais como participantes em projectos sobre temáticas em que se torna relevante explicitar o papel das TIC. Mas isto significa que os estudantes não podem ser olhados paternalmente como formandos em cursos de tipo técnico (incidindo sobre tópicos do tipo processamento de texto, construção de páginas para a internet, etc) mas como pessoas capazes de reflectir sobre o mundo em que vivem, críticos e criativos.

O quadro seguinte ajuda a organizar as relações entre as duas metáforas e poderá auxiliar a conceptualização dos modos como as TIC podem ser abordadas na formação inicial de professores:

Elementos presentes na metáfora da aquisição sobre o que significa aprender		Elementos presentes na metáfora da participação sobre o que significa aprender
Enriquecimento Individual	<i>Qual é o objectivo da Aprendizagem ?</i>	construção de uma comunidade
aquisição de algo	<i>O que significa aprender?</i>	tornar-se participante
Recipiente	<i>Como é entendido o aluno?</i>	participante
Consumidor Construtor		aprendiz
Facilitador	<i>Como é entendido o docente?</i>	participante especialista

		preservador da prática do discurso
Propriedade, Bens	<i>Em que consiste o saber?</i>	aspecto da prática/ discurso/actividade
ter, possuir	<i>Em que consiste conhecer?</i>	pertencer, participar, comunicar

Relações entre as metáforas de aquisição e de participação acerca da aprendizagem

Preocupações centrais na reflexão acerca das TIC

As temáticas que poderão organizar o tipo de formação em TIC que sugiro para a formação inicial passa por diversos domínios tais como:

- as TIC como elemento de exclusão social,
- as TIC como instrumento de controlo dos cidadãos por parte do Estado,
- as TIC como factor de desenvolvimento de comunidades virtuais visando a mobilização crítica dos cidadãos,
- as TIC como elemento legitimador de poder,
- etc.

Independentemente da disciplina que irá leccionar, o futuro professor necessita de ser induzido à reflexão acerca destas duas dimensões das TIC na sociedade actual. O carácter emancipatório dessa reflexão poderá constituir um elemento que o estimulará e ajudará a organizar — quando já na sua prática como docente — a sua actuação junto dos alunos. Mas não é muito provável que tal conteça se durante a sua formação inicial a prática de reflexão — organizada em torno de projectos em que se envolveu profundamente — não tiver estado presente de uma forma continuada.

Conclusão

Uma das questões que emerge neste quadro diz respeito aos modos como a formação inicial pode contemplar a reflexão que proponho acerca da

dimensão social e política das TIC. A minha proposta é que este tipo de preocupação não provoque ainda uma maior atomização das diversas disciplinas ou áreas de trabalho na formação inicial de professores. Por isso mesmo sugiro que constitua uma preocupação de natureza transversal e que seja objecto de trabalho nas diversas componentes dos cursos. Por exemplo, se se trata de cursos de formação de professores na área das ciências e da matemática poderá iniciar-se a reflexão sobre o uso das TIC no campo científico e as implicações éticas desse trabalho ao nível da área científica. Mas a reflexão deve continuar ao nível das áreas de formação em educação como por exemplo a sociologia e a psicologia trazendo o ponto de vista sociológico e psicológico ao uso das TIC nos dias de hoje.

Restringir a conceptualização do uso das TIC ao nível de meros instrumentos de trabalho no ensino de uma dada disciplina será dar o tom para que os estudantes se tornem professores utilizadores acríticos das TIC e induzam os seus alunos nessa mesma forma de as entender.

Finalmente quereria sublinhar que é provável que a prática de formação dos futuros professores se deva situar preferencialmente numa zona intermédia entre as duas metáforas que apresentei — aquisição e participação. O perigo pode estar em escolher apenas uma delas ignorando a outra. As disciplinas dos cursos de formação tal como os conhecemos tendem a focar-se numa ideia de conhecimento como produto. E os princípios mais visíveis acerca da natureza do saber e do conhecimento são fundamentalmente de tipo prescritivo (dizendo como as coisas devem ser) em vez de contribuírem para uma descrição acerca da sua natureza (e das formas como se lhes poderá aceder). Em minha opinião, uma eventual tendência para os elementos de tipo prescritivo acerca das TIC na formação de professores deve ser equilibrada com perspectivas de natureza mais reflexiva e participativa.

¹ Tenho como referência a instituição em que desenvolvo a minha actividade profissional mas creio não me enganar se generalizar relativamente ao que se passa a nível do país.

² Um dos fenómenos mais preocupantes nos estudantes universitários é a sua alunização. Em vez de seguirem um processo de emancipação e de crescimento pessoal e social tendem muitas vezes a responder acriticamente às instituições formadoras e a tudo o que se lhes serve em bandejas mais ou menos pedagógicas. Trata-se na minha opinião de algo nos deve preocupar centralmente como educadores.